



cultur

Revista de Cultura e Turismo

Artigo:

A PERCEPÇÃO AMBIENTAL NO TURISMO DIANTE DOS PROCESSOS DE ESPETACULARIZAÇÃO DAS CIDADES CONTEMPORÂNEAS.

Autora:

Fernanda Beraldo Maciel Leme¹

Copy right, 2007, CULTUR. Todos os direitos, inclusive de tradução, do conteúdo publicado pertencem a CULTUR - Revista de Cultura e Turismo. Permite-se citar parte de artigos sem autorização prévia, desde que seja identificada a fonte. A reprodução total de artigos é proibida. Os artigos assinados são de responsabilidade exclusiva do(s) autor(es), que serão informados que a aprovação dos artigos implica na cessão imediata de direitos, sem ônus para a revista, que terá exclusividade de publicá-los em primeira mão. Em caso de dúvidas, consulte a redação: revistacet@hotmail.com

A CULTUR – Revista de Cultura e Turismo, é um periódico científico eletrônico, idealizado no Programa de Mestrado em Cultura e Turismo da Universidade Estadual de Santa Cruz. Com a missão de fomentar a produção científica e a disseminação de conhecimento multidisciplinar relacionados com Cultura, Turismo e áreas afins, objetivando a troca de informações, a reflexão e o debate, provendo assim o desenvolvimento social.

CULTUR – Revista de Cultura e Turismo

CULTUR, ano 03 – n. 02 – abril/2009

www.uesc.br/revistas/culturaeturismo

¹ Bacharel em Turismo pela PUC Campinas, Especialista em Educação pelo SENAC, Mestre e Cultura e Turismo pela UESC e atualmente Doutoranda em Cultura e Sociedade pela UFBA.
fermaciel@ig.com.br

RESUMO

O presente artigo visa a discussão sobre os estudo das paisagens como importante ferramenta para se entender a relação entre a sociedade e seu ambiente na atualidade. Na paisagem pode-se verificar que esta relação é, antes de tudo, culturalmente e historicamente marcada. Valendo-se de pesquisa bibliográfica, pode-se chegar a uma dinâmica que entende os processos de espetacularização dos lugares como uma das marcas atuais do trato com o ambiente urbano. Neste sentido, aponta-se o turismo como atividade que potencializa este processo. Da mesma forma, verifica-se que, o mesmo sistema que modela a paisagem turística, também direciona o olhar do visitante para assim incluí-lo em uma maneira hegemônica de percepção - efêmera e estritamente estética. No entanto, dentro de uma perspectiva fenomenológica, o artigo aponta caminhos possíveis para se escapar a este sistema, através de experiências do corpo com o lugar, possibilitando que se perceba singularmente a paisagem visitada.

PALAVRAS-CHAVE: Percepção ambiental; Turismo; Espetacularização.

ABSTRACT

This article aims at discussing the study of landscapes as an important tool to understanding the relationship between society and its environment at present. In the countryside you can see that this relationship is, first of all, culturally and historically marked. Drawing up of literature search, you can reach a dynamic believes that the processes of spectacularization of the posts as one of the brands of current dealings with the urban environment. In this sense, pointing to the tourism as activity that accelerates this process. Similarly, it appears that the same system that shapes the landscape tourism, also directs the visitor to look well include it in a hegemonic way of perception - and ephemeral strictly aesthetic. However, within a phenomenological perspective, the article suggests possible ways to escape from this system, through experiences of the body to the place, enabling the landscape is uniquely understand visited.

KEY-WORDS: Environmental awareness; Tourism; Spectacularization.

1. O ESTUDO DA RELAÇÃO HOMEM-AMBIENTE DENTRO DE UMA PERSPECTIVA CULTURAL.

Os estudos da relação entre homem e meio ambiente não são recentes e, tampouco, fechados em somente um campo disciplinar. Na geografia os estudos da relação entre sociedade e meio ambiente são chamados de *antropogeografia* ou geografia humana. Através de Ratzel foi introduzido aos estudos da geografia humana o termo cultura para explicar esta relação, iniciando com isso a chamada geografia cultural, um subcampo da geografia humana.

Contudo, como indica Melo (2005), a introdução do termo cultura no estudo das relações com o meio, feito pela geografia cultural, não fez com que o termo fosse apreendido de forma homogênea e estagnada, mas sim de formas distintas através do tempo e das diversas escolas.

Na geografia tradicional, através de um de seus seguidores Carl Sauer, o termo cultura foi utilizado para explicar as técnicas, as transformações e os utensílios utilizados pelo homem para transformar o meio ambiente, com fins de torná-lo mais produtivo. Com isso, no estudo da relação entre homem e paisagem, eram considerados os aspectos morfológicos e materiais desta. Para Sauer a paisagem cultural era um meio, transformado por um agente que é a cultura. Nesta abordagem não eram levados em consideração os aspectos subjetivos da paisagem, que não poderiam ser medidos, classificados e logo, não fariam parte de uma análise científica.

Para a geografia tradicional a cultura é entendida como uma “entidade superorgânica” onde o indivíduo era separado da cultura, sendo este apenas um “agente de forças culturais”. De acordo com Duncan (1980), nesta abordagem entende-se que a cultura seria internalizada de forma homogênea pelos indivíduos, sem maiores conflitos intra-culturais. Como afirma Corrêa (1989) esta abordagem nos leva a certo determinismo cultural e, por fim, como defende Claval (1990) para o entendimento da cultura como algo estático e não como processo dinâmico.

Na década de 50 a geografia tradicional entra em declínio e as discussões iniciadas por ela sobre a relação entre cultura e paisagem ficam em segundo plano até a década de 70. Após este período a paisagem ressurge como conceito-chave na geografia

e sua relação com a cultura ganha nova abordagem. Passa-se a considerar os aspectos subjetivos desta, ou seja, o seu significado.

Para a geografia humanista americana, o maior desafio era superar a abordagem positivista que reduziu os objetos de estudo sobre o homem e o meio apenas para os passíveis de verificação e mensuração. Direcionaram seus estudos para as humanidades e para as correntes filosóficas da fenomenologia e existencialismo com a finalidade de analisar o comportamento humano em suas individualidades e subjetividades.

Como coloca Melo (2005), a geografia humanista apreende a paisagem em sua totalidade. O ambiente envolveria o físico, o social e o imaginário, formando uma realidade onde os fenômenos são observados como parte de um fenômeno maior, integral. O mundo passa ser considerado não um sistema, mas um todo, de forma holística. Entende-se que a paisagem é percebida pelo indivíduo não como a soma de objetos próximos, mas simultaneamente, de modo a influenciar sua conduta.

Esta abordagem também tem forte caráter antropocêntrico, importando os valores e significados atribuídos pelo homem. A cultura passou a ser entendida pela percepção e pela subjetividade humana, sendo assim, passou a ter também um caráter individual não sendo portanto, homogeneizada, mas internalizada de diferentes formas.

Passou-se a entender que as formas de produção e reprodução cultural ocorrem de forma diferenciada e, assim, a relação entre homem e meio ambiente também se dá de forma específica entre os diferentes grupos. Os estudos da geografia humanista desenvolveram-se voltados para a compreensão das diversas percepções ambientais. Por um lado, como descreve Amorin Filho (1996), iniciou-se o Grupo de Trabalho sobre a Percepção do Meio Ambiente da União Geográfica Internacional que investigava as paisagens e lugares valorizados e os riscos ao meio ambiente, enquanto que os estudos do Projeto 13 da Unesco intitulado “Percepção da Qualidade Ambiental, no Programa Homem e Biosfera da Unesco” tinham como objetivo analisar a percepção ambiental como aporte para a gestão de lugares e paisagens valorizados pela humanidade.

As pesquisas feitas pela geografia humanista que levavam em consideração os aspectos subjetivos da relação entre sociedade e paisagem começaram a receber críticas por parte da nova geografia humanista. A crítica era a de que, mesmo contribuindo para o entendimento dos diversos olhares sobre uma paisagem o que ressaltaria uma maior participação popular nos projetos de intervenção, muitas análises não levam em

consideração as tensões produzidas por esta diversidade de valorizações e significações atribuídas. Não se considerava também a existência de uma forma institucionalizada de ver a paisagem que tenta direcionar os olhares e assim construir “as maneiras de ver o mundo” dominantes. Também não se considerava que as maneiras dominantes de ver o mundo eram fruto de um contexto histórico, assim, o desafio foi unir subjetividade e objetividade nas pesquisas de percepção ambiental.

Concomitantemente a geografia humanista, a nova geografia cultural também teceu novas abordagens sobre a relação sociedade e paisagem. Apesar de diversas, pode-se destacar algumas concepções adotadas que, assim como ocorreu na geografia humanista, tentavam desamarrear-se do positivismo. Um dos pressupostos adotados seria o de que se poderia entender os processos culturais através dos estudos da paisagem, pois esta seria uma forma de processo cultural, como coloca Duncan (1980). Principalmente, o estudo da paisagem apresentaria a compreensão das formas culturais dominantes de se ver o mundo, como indica Cosgrove (1989). Ainda nesta corrente, o modo como se vê a paisagem é culturalmente e historicamente específico, cabendo ao o pesquisador interpretar a modelagem da paisagem e as foras de (re)significa-la.

Atualmente, também se defende, pela nova geografia cultural, o emprego do método hermenêutico, entendido como a interpretação da modernidade, a compreensão dos fatos na sua totalidade, na interpretação de significados e textos, compreendidos como a cultura e nas ações em particular. “Através da compreensão, seria possível alcançar uma significação, revelar a essência dos fatos que representam experiências vividas, e as totalidades são compostas pelo que é expresso no contato com a vida” (GOMES, 1996, *apud* Melo 2005).

Na escola geográfica francesa, por nunca ter sido de caráter eminentemente positivista, não houve uma preocupação de se romper paradigmas de forma radical. Não se aderiu formalmente à fenomenologia e, assim, as pesquisas não conflitavam de forma radical com a escola tradicional francesa nem com as pesquisas estruturalistas.

Berque (1998) faz parte da corrente francesa da nova geografia cultural, para ele, a paisagem é, tanto uma marca, como uma matriz. É uma marca, pois expressa uma cultura, mas é também uma matriz, pois “[...] participa dos esquemas de percepção, concepção e ação – ou seja, da cultura – que canalizam, em certo sentido, a relação entre uma sociedade com o espaço e com a natureza e, portanto, a paisagem do seu

ecúmeno” (Berque, 1998). Assim, a paisagem é objetiva se referindo a um contexto concreto e também subjetiva, pois envolve o imaginário.

Pode-se afirmar a partir do caminho epistemológico analisado por Melo (2005), aqui citado, que atualmente tem-se uma gama de formas diferentes de se estudar as relações entre cultura e paisagem, mas todas elas convergindo para o fato de que a paisagem é uma forma de processo cultural. Contudo, a construção de pressupostos teórico-metodológicos ainda se encontra em formulação. Ainda é presente a dicotomia entre cultura e meio ambiente, seja este natural ou construído. Como afirma a autora, deve-se ter que a cultura é composta de processos subjetivos e objetivos, não constitui campo exclusivo de abordagem de um único método específico; como também não pode prescindir da combinação de alguns métodos para a superação das suas peculiaridades, tendo em vista uma maior compreensão do objeto a ser analisado – a interação entre sociedade e meio.

2. A ESPETACULARIZAÇÃO DAS CIDADES COMO MARCO DA PÓS-MODERNIDADE.

Como explanado, a relação homem e meio ambiente através de uma perspectiva cultural, parece ser a mais adequada para se entender a complexidade de interações subjetivas que envolvem a modelação do meio e da sociedade por este, que se dá de forma dialética.

Um dos campos mais interessantes de serem analisados nesta relação é o processo de espetacularização das cidades contemporâneas. Parte do que se chama de pós-modernidade, o fenômeno permeia outros tratos com o meio que também tem como objetivo transformar a cidade em um cenário de bons investimentos econômicos e boa de ser visitada, como comenta Harvey (1989):

“Reforçar a imagem da cidade através da organização de espaços urbanos espetaculares tornou-se um meio de atrair capital e pessoas (do tipo certo) num período (desde 1973) de competição interurbana intensificada e de empresariamento urbano”.

Como comenta Leite (2002), as reformas urbanas embutem uma necessidade de maior circulação de mercadorias, como também conferem uma ação política. Neste

sentido, os processos de espetacularização das cidades envolvem muitas vezes princípios de “higienização dos lugares”. O princípio de higienização nasce nas reformas urbanas feitas em Paris, pós-1948, por Haussmann. No contexto bonapartista, tinham a intenção de adequar a capital francesa às necessidades de circulação que a cidade industrial reclamava, como também uma intenção política. Benjamin (*apud* Leite, 2002), já havia defendido que o “embelezamento estratégico” de Paris pretendia disciplinar os usos do espaço urbano, através da abertura de grandes e largas avenidas que não apenas dificultavam a construção das barricadas operárias como facilitavam a ação da cavalaria de Bonaparte.

Para Leite (*Op. Cit.*), mais de um século depois, verifica-se ainda a presença de um princípio higienizador de Haussmann na revitalização do patrimônio, principalmente quando este tem fins turísticos, bem como a vontade de se criar espaços com uma “nova imagem”- mais atrativa:

“[...] as políticas contemporâneas de “revitalização” do patrimônio retomam, em outro contexto e com outras perspectivas, o princípio social higienizador de Haussmann, para adequar as cidades às demandas e aos fluxos internacionais de turismo e consumo urbano. Esses processos atuais, longe das idéias haussmanianas de criar uma imagem moderna da Paris do século XIX, voltam-se hoje a formas de reapropriação cultural das imagens das cidades, objetivando - na maioria das vezes - recriar sentidos e usos dos conteúdos e materiais do passado”.

Nesta transformação a cidade e seus espaços são formatados visando uma certa imagem do local e tudo o que não se “encaixa” nesta imagem sofre um processo de marginalização, quando não de varredura, expropriação e segregação. Pode-se afirmar que, assim como seguem princípios de higienização, as reformas urbanas com o objetivo de espetacularização da cidade, envolvem também processos de *gentrification*. O termo designa um “enobrecimento” com o intuito de reanimar os espaços públicos urbanos. O termo, inicialmente utilizado nos Estados Unidos para explicitar as intervenções urbanas na década de 1960, designa especificamente espaços considerados centralidades, que são transformados em áreas de investimento público e privado. Nos EUA, no processo de *gentrification* houve o deslocamento da população negra e operária dos seus bairros de origem em Georgetown e Washington (Smith *apud* Leite 2001). Estrategicamente, as reformas urbanas, dentro de um processo de *gentrification*, abarcavam o intuito de promover não somente novos fluxos de

investimento econômico destas áreas, mas também gerar uma nova imagem da cidade, mais segura e nobre, sem a população indesejada.

Uma das atividades que mais potencializa os processos de espetacularização, higienização e getrificação dos lugares é o turismo. Como afirma Luchiari (2001), os lugares turísticos não existem *a priori*, estes não existem em si, mas se tornam turísticos ao serem valorizados pela cultura vigente e dotados dessa função. Ou seja, verifica-se um traço cultural na valorização de um lugar seja pela sua estética, testemunho histórico, afetividade, entre outros fatores. Da mesma forma, a “formatação” deste lugar pelo turismo, seja utilizando princípios de espetacularização para tal feito, também constitui numa modelagem culturalmente e historicamente específica. É na paisagem que esta modelagem ganhará suas formas e, da mesma forma, será culturalmente codificada, reconhecida, seja de forma efêmera ou íntima.

É preciso destacar que, mesmo sendo os lugares e paisagens turísticas criações culturais, esta cultura está longe de ser homogênea e cristalizada. As valorizações culturais sempre envolverão jogos de força e negociações. Sempre haverá o direcionamento dos que passam ou vivem no lugar para uma forma dominante de se ver tal paisagem. Neste sentido, pode-se valer as premissas de Foucault do exercício em nossa sociedade de um *biopoder*. Segundo Foucault (1999) o biopoder é aplicado pelo Estado para assegurar a integridade da massa que é, na verdade, uma parcela da sociedade a ser privilegiada. Assim, através do conceito de biopoder entra-se na discussão sobre os marginalizados pela sociedade e a legitimação de sua marginalização feita em parte por um Estado arbitrário. Como relata Foucault (*Op. Cit.*), a segregação espacial, é a concretude do poder de vida e de morte estatal: na cidade há lugares de medo e de afeto, de esperança e de descaso, de violência e segurança, acessados ou negados por parcelas específicas da população. Da mesma forma, pode-se falar em um biopoder de controle do corpo e, por consequência de seus sentidos, percepções, singularizações. A experiência do corpo com os lugares estaria fadada a uma ordem, a uma disciplina que coordenaria, dentro do processo de espetacularização, as falas, as encenações de cada ator. Cada elemento que não se “adequasse” a esta disciplina estaria fadado à marginalização e, por parte do corpo, ao esquecimento, ao afastamento.

Ferrara (1996), elucida a relação entre o visitante e o lugar visitado, defendendo que a viagem e o turismo podem ser compreendidos se considerados não apenas como

simples deslocamentos, mas como experiências que ocorrem sob o impacto do estranho visível. Ou seja, trata-se de um choque onde a oposição é constituída, significada, pela visualidade. Não se trata da simples experiência de dualidade entre reais que se conformam em dimensões como próximo/familiar em oposição a distante/estranho. A binaridade de forças é mais complexa, porque não se trata de uma experiência direta, mas é mediatizada, econômica e culturalmente, pela visibilidade e seus ícones. Assim, o lugar turístico seria uma coisa boa de conhecer, boa de ver, sempre entrando em uma categoria de valor, corroborando com as afirmações de Meneses (*Ibd.*).

3. AS EXPERIÊNCIAS DE PERCEPÇÃO AMBIENTAL NO TURISMO E A ESPETACULARIZAÇÃO.

Sendo a viagem e o turismo experiências sociais da visibilidade, para compreender a experiência dos turistas e viajantes é necessário perceber os signos visuais que a compõem os lugares e que os representam. Trata-se de uma visibilidade marcada social e historicamente.

A fruição dos turistas consoma desta forma, na mera contemplação da paisagem. A gama diversificada de apreensões possíveis estreita-se, assim, ao limite da visão. Para Meneses (*Ibd.*), quase poderia-se falar de *voyerismo* cultural. O foco uniforme da visita dos turistas dissolve a riqueza potencial das individualidades. Diante desse panorama, o horizonte da cultura acaba estreitando-se, confinando precisamente aquilo que faz do homem humano: a consciência, a capacidade de escolha.

Para Carlos (1996), o turismo trata não somente a cultura como mercadoria a ser consumida pelos turistas das formas mais mediadas e pasteurizadas possíveis, como para isso também inclui o espaço nos jogos de troca e comercialização. Nesse sentido, cidades inteiras se transformam, com o objetivo de atrair mais turistas. Este processo pode até mesmo provocar o sentimento de *estranhamento* para os que vivem nas áreas que, bruscamente se voltam para o turismo e para uma espetacularização. Talvez em uma visão radical, a autora afirma que o turismo transforma tudo o que toca em artificial, criando um mundo ilusório, onde o espaço se transforma em cenário com a criação de uma série de atividades que conduzem a passividade. O real seria sempre metamorfoseado, com o intuito de construir uma paisagem para “seduzir e fascinar”.

Assim, o turismo criaria um (re)conhecimento do lugares, mas não o seu conhecimento. Até mesmo porque, antes mesmo de viajar, o turista entra em contato com imagens do lugar, muitas vezes de um lugar produzido, apenas para ser visto, fotografado e, esquecido. Como afirma Carlos (*Ibd.*), além de não ser conhecível nas suas diversas visões e valorizações, o espaço produzido é homogêneo e altamente excludente. Com isso, mais do que provocar o sentimento de estranhamento, a apropriação dos espaços e dos “bens culturais” pelo turismo, articulada com projetos políticos e econômicos pode provocar efeitos sociais danosos, como a expropriação de famílias do lugar e formatação do lugar dentro de um modelo de *higienização, gentrificação e espetacularização*.

4. CORPOGRAFIAS URBANAS COMO MICRO-RESISTÊNCIA A ESPETACULARIZAÇÃO DAS CIDADES.

De acordo com as idéias de Jacques (2008), uma das formas de resistência ao processo de espetacularização das cidades é a permanência do corpo em constante experiência com a cidade que, por sua vez, o molda.

“Uma *corpografia* urbana é um tipo de cartografia realizada pelo e no corpo, ou seja, a memória urbana inscrita no corpo, o registro de sua experiência da cidade, uma espécie de grafia urbana, da própria cidade vivida, que fica inscrita mas também configura o corpo de quem a experimenta”.

A autora segue as tendências dos estudos da relação entre homem e meio, descritas no início deste ensaio. Considera as experiências, as vivências cotidianas e, assim, um homem indissociável de seu mundo. Neste sentido, pode-se afirmar que sua abordagem é de cunho fenomenológico. A fenomenologia trata, como exposto, de um mundo vivido. No estudo da relação homem e ambiente, ela analisa as vivências e experiências das pessoas no seu espaço e tempo. Esta vivência envolverá relações entre indivíduo e objetos e com as demais pessoas que o cercam e que se tornam cada vez mais complexas. Estas vivências farão que o indivíduo seja capaz de se sentir como parte do mundo, cheio de ambigüidades, mas carregado de comprometimentos e significados a ele atribuídos. Considera que o ser humano é intrinsecamente envolvido em seu cotidiano, como propõe Merleau-Ponty (1979).

As corpografias seriam alternativas encontradas nas experiências cotidianas. Estas se oporiam à espetacularização das cidades que as transforma não somente em cenário, mas também em cenários desprovidos de corpos, de seres em seus mundos. A espetacularização ganha força, segundo Jacques (*Op. Cit.*) pela redução da ação cidadã dos moradores da cidade, bem como com a redução das experiências cotidianas com o lugar, sejam estéticas ou afetivas. Para a autora, no momento em que há a presença do corpo em forma de ação cidadã, não somente este se centra em seu mundo e passa a ter sua existência consolidada, mas também consolida a própria cidade como um corpo. Assim a cidade em si se torna um “outro corpo”.

Os indivíduos podem, de acordo com as diferentes formas de interação com o meio que irá experimentar, desenvolver diversas corpografias. E é através dos movimentos dos corpos que se poderá analisar estas diferentes corpografias e as experiências urbanas que as resultaram. Desta forma, o estudo poderá gerar subsídios para se pensar a interação dos cidadãos e cidade, homem e meio, como também para sugerir novas mediações para esta interação, ou seja, novos projetos urbanos.

Os projetos urbanos podem ser idealizados, contudo, como afirma Jacques (*Op. Cit.*) são as experiências cotidianas que irão legitimar ou não estes, assim como serão estas que atualizarão os projetos. Isso ocorre, pois a vivência com o meio é marcada por improvisações e apropriações alternativas ao planejamento. Estas nem sempre aparecem como as ações inseridas no processo de espetacularização, mas sentidas corporalmente.

São as sensações, os sentimentos emergidos pela experiência, improvisação, errância do corpo na cidade é que esta se transforma de cenário a lugar, ou seja, de espaço dotado de função e valor não somente para uma sociedade, mas individualmente de formas diferentes, para cada indivíduo. Assim sensações seriam ativadas por uma percepção capaz de transpor uma “[..] visualidade rasa da imagem da cidade-logotipo, da cidade-outdoor de cenários espetacularizados, desencarnados (JACQUES, 2008).

O conceito de corporificação apresentado pela autora contribui para se pensar não somente em uma resistência por parte dos moradores a uma espetacularização da cidade, mas também em uma alternativa para a experiência dos turistas em suas viagens. Se, como descrito por autores como Ferrara (1996), a experiência dos turistas é baseada em uma visualidade marcada cultural e socialmente, esta poderá encontrar na corporificação uma fuga as formas culturais hegemônicas que direcionam o ver e o

vivenciar o espaço visitado. Jacques (*Ibd.*) aponta, como exercício de corporificação, a errância urbana:

A errância urbana é uma apologia da experiência da cidade, que pode ser praticada por qualquer um, mas que o errante pratica de forma voluntária. O errante é então aquele que busca o estado de espírito (ou melhor, de corpo) errante, que experimenta a cidade através das errâncias, que se preocupa mais com as práticas, ações e percursos, do que com as representações, planificações ou projeções (JAQUES, 2008, p.6-7).

A errância seria um lançar-se no mundo, na cidade enquanto corpo, através das experiências de seu próprio corpo enquanto ser-no-mundo. A prática da errância enquanto fuga às hegemonias inscritas no espaço, corrobora com as idéias defendidas por Michel de Certeau. O autor é citado por Jacques (*Ibd.*) como estudioso dos que experimentam a cidade em sua vivência que foge às representações da cidade enquanto espetáculo. O autor dá o nome a estas pessoas de *praticantes ordinários da cidade*, ou seja, os “errantes” a que se refere Paola Jacques. Michel de Certeau ainda colaboraria com os estudos das errâncias enquanto exercício de corporificação na cidade, ao defender que para que um novo olhar se forme é preciso certa “cegueira”. Esta cegueira é que fará ser possível experimentar novas formas de um saber subjetivo, amoroso e lúdico para com a cidade.

No caso dos turistas parece ser também necessária a colaboração dos princípios certeurianos para que estes possam experimentar e formar novos saberes sobre os lugares. É preciso também possuir certa “cegueira” em relação os dizeres e as imagens que pasteurizam os destinos turísticos, reduzem a gama de identificações com o lugar, transformado simplesmente em mercadoria “boa de se consumir”.

Parece também que no turismo a experiência do corpo com o lugar visitado deve fugir do balisamento dado por guias e roteiros turísticos. Como defende Jacques (*Ibd.*), para se fugir a espetacularização das cidades e a uma disciplina do corpo, é preciso exercer uma nova corporificação que evolva a errância. Nesta errância é preciso ter a capacidade de se perder e de lentidão. Experimentar assim novas vivências inesperadas, em outros ritmos, de outras formas. Abririam-se assim novas possibilidades de se perceber o lugar, de senti-lo de maneira íntima e não-efêmera.

Como indica Ferrara (1996), o turismo precisa ser reinventado, precisa redescobrir-se como inteligibilidade que deve dinamizar a criatividade e fruição. Para tanto, é indispensável superar a simples visibilidade decorativa e esteticizante da terra

estranha como cartão postal, para propor a descoberta que, sem planos, envolverá o turista na sua capacidade de encontrar alternativas e conhecer o que é estranho a fim de conhecer-se. Mais do que isso, conhecer a terra estranha como estratégia de autoconhecimento, e de conhecimento do lugar como *corporificação*, é um elemento básico no próprio curso da mundialização da cultura.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entender a relação entre sociedade e seu ambiente através do estudo das paisagens parece ser um caminho extremamente válido para se desvendar aspectos importantes do turismo na atualidade. Um destes aspectos é o caráter cultural presente na relação das sociedades com as paisagens. Neste sentido entende-se que a valorização dos lugares como turísticos como a modelagem de seus aspectos visíveis explicitam uma cultura em um momento histórico específico.

Segundo a análise de diversos autores debatidos através de pesquisa bibliográfica sobre o tema, atualmente verifica-se processos de espetacularização, gentrificação e higienização dos espaços turísticos. Nestes processos objetiva-se modelar a paisagem para fins turísticos, articulados com interesses econômicos, políticos e ideológicos. Com isso, há também o direcionamento para um olhar específico sobre a paisagem, efêmero, superficial, puramente estético.

Se, autores como Foucault contribuem, alertando sobre esta disciplina sobre o corpo pela estrutura vigente, autores como Michel de Certeau indicam caminhos para transgredir esta estrutura. Neste sentido, ao passarmos de uma análise estruturalista para uma fenomenológica, podemos pensar o homem como ser-no-mundo, que o vive de maneira única, lidando o tempo todo com possibilidades. Podemos compreender que os sujeitos são inseridos em processos culturais e históricos e por estes podem ser influenciados, mas não *condicionados*. Os sujeitos também são atores históricos e sua cultura, uma forma dinâmica de ação. Uma ação que pode ser a de descobrir e exercitar novas formas de perceber o ambiente em que se vive e que se visita.

Especificamente na atividade turística as formas de “escape” aos sistemas de direcionamento do olhar ainda estão por serem analisadas e constituem em uma importante ferramenta para se pensar as possibilidades de uma experiência do corpo com o espaço em suas dimensões mais humanas e singulares.

REFERÊNCIAS

AMORIM FILHO, (1996). Topofilia, Topofobia e Topocídio em MG. In: **Percepção Ambiental: a experiência brasileira.** (Org.) V. Del Rio et al. São Carlos, Editora da UFSCar, pp.139-152.

BERQUE, A. (1994). **Cinq propositions pour une théorie du paysage.** In: BERQUE, A. (Org.). Paris, Champ Valon.

CARLOS, A. O turismo e a produção do não-lugar. In: **Turismo, espaço, paisagem e cultura.** YÁSIGI, E. São Paulo: Hucitec, 1996.

CLAVAL, P.(1986). Francia. In: **La Geografia Atual: Geógrafos y tendencias.** (Org.) Claval, P. et al. Barcelona, Ariel, pp.27-45.

CORRÊA, R. L.(1989). Carl Sauer e a Geografia Cultural. In: **Revista Brasileira de Geografia.** Rio de Janeiro, 51(1), pp. 113-122.

DUNCAN, J.(1980). **The Superorganic in American Cultural Geography.** Annals of the Association of American Geographers, 70(2) : 181-198.

FERRARA, L. O turismo dos deslocamentos virtuais. In: **Turismo, espaço, paisagem e cultura.** YÁSIGI, E. São Paulo: Hucitec, 1996.

HARVEY, D. **A condição pós-moderna.** São Paulo: Loyola, 2002.

JACQUES, P. **Corpografias urbanas.** Trabalho apresentado no IV Enecult, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2008.

LEITE, M. Contra-usos e espaço público: notas sobre a construção social dos lugares na Manguetown. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais.** Vol.17, no 49. São Paulo, jun. 2002.

MELO, J.B.F. Geografia humanística: a perspectiva da experiência vivida e uma crítica radical ao positivismo. **Revista Brasileira de Geografia.** Rio de Janeiro, v.52, no 4, p.91-115, out/dez 1990.

MENESES, U. O turismo dos deslocamentos virtuais. In: **Turismo, espaço, paisagem e cultura.** YÁSIGI, E. São Paulo: Hucitec, 1996.

MERLEAU-PONTY. M. **Fenomenologia da percepção.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Recebido: Agosto de 2008

Avaliado: Setembro de 2008

Aprovado: Indicado como um dos melhores trabalhos do II Seminário de Pesquisa em Cultura e Turismo - Novembro de 2008